

Suellen Souza (UERJ)

Marcella Louíse (UERJ)

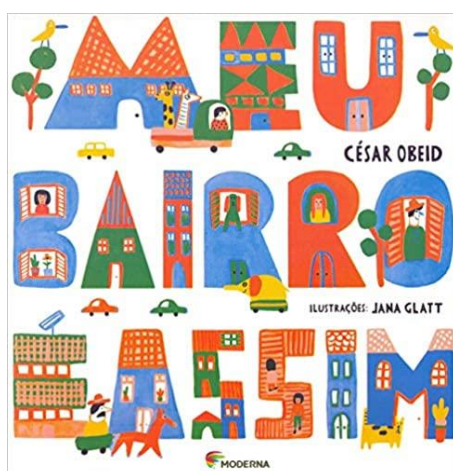
Processos curriculares a partir da cultura local para pensar identidade e diversidade

Neste primeiro semestre de 2022, em muitas escolas de educação infantil é trabalhado o campo de experiência “O eu, o outro e o nós” a partir da BNCC (Base Nacional Comum Curricular). Neste momento, compreendemos a importância de que a criança se identifique, mas também possa identificar outras pessoas e suas vivências através das relações sociais, para que reconheça no mundo, reconhecer o outro, respeitando suas diferenças e compreendendo a diversidade dos seres humanos.

Neste processo, é interessante que a criança possa se relacionar não somente com outras crianças da sua sala de aula, o que é muito importante, mas que também tenha a possibilidade de se relacionar com a história do outro, sua família, de forma interativa e coletiva, pois assim será possível se questionar, pensar sobre si e sobre o outro, vivenciar a partir das experiências e trocas sociais e assim, construindo seu próprio modo de ser. Vivenciando esta experiência, é possível e fundamental que professores possam trazer propostas cotidianas de currículos que estimulem o conhecimento da cultura local, abrindo a possibilidade de desenvolvimento a partir da diversidade e identidade.

Estando diariamente em uma sala de aula, percebemos que um currículo nunca está estagnado, parado. Na prática podemos experienciar que o currículo está sempre em movimento, ou melhor, sempre em construção de forma cotidiana principalmente acerca da diversidade das escolas e suas regiões. Pensar cultura local a partir deste contexto curricular é fazer parte de uma construção de reconhecimento e pertencimento do seu lugar, além de conhecer a historicidade da sua territorialidade e das pessoas que antes ali estiveram e marcaram história.

Pensando a partir da territorialidade, no caso do bairro em que uma das autoras reside, seria possível pensar em construir propostas de currículos que abarcam diversas temáticas, como por exemplo, o nome das ruas do bairro, pois todos os nomes das ruas são nomes indígenas. Pensar a historicidade deste fato; conhecer a cultura indígena; o significado de cada nome. Além disso, no bairro chamado de Cavalcanti, localiza-se a Escola de Samba Em Cima da Hora, além de ter sido local de moradia desde a infância do coreógrafo Carlinhos de Jesus. Pensar a cultura do samba na localidade, a partir dos moradores e das construções da escola de samba, seria uma possibilidade geradora de propostas de atividades para o dia a dia a partir da cultura local. Um dos livros que podem facilitar o diálogo a partir da leitura é o “Meu Bairro é Assim” do autor César Obeid.



da territorialidade no currículo escolar, desde a Educação Infantil, a criança pode desenvolver o sentimento de pertencimento a sua comunidade, pode desenvolver a curiosidade sobre a história do espaço onde vive, contextualizando assim o processo de aprendizagem enquanto valoriza a vivência do aluno.

Referências:

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#infantil/os-campos-de-experiencias>

<http://cargocollective.com/janaglatt/MEU-BAIRRO-E-ASSIM-Book>

<https://www.moderna.com.br/main.jsp?lumPageId=4028818B2E3AAEB2012E49CCED182E5D&itemId=8A808A825669F66401566F073BE85145>

Sobre as autoras:

Suellen Souza - Graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Moradora do bairro de Cavalcanti, Zona Norte do Rio de Janeiro. Articuladora e Ativista.

Marcella Louíse - Professora formada pelo Instituto de Educação Carmela Dutra e Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).